



## NOTICIAS INTERNACIONALES AL 27/07/18

<b>BRASIL</b> .....	<b>2</b>
Mercado ganadero en alza.....	2
Maggi pronosticó que Brasil producirá 27 millones de toneladas de carnes hacia 2027/28 .....	2
Exportadores de carne enfocados hacia CHINA ante el cierre de RUSIA, mercado que continúa trabado por “cuestiones técnicas”.....	2
Proyecto de ley prohibiendo exportaciones de hacienda en pie podrá nuevamente ser tratado por el plenario de la Asamblea Legislativa de San Pablo .....	3
Paraná acelera los pasos para convertirse en zona libre de Aftosa sin vacunación .....	3
Miembros de Cosalfa se unen para vacunar el rodeo venezolano .....	4
Frigoríficos de Mato Grosso solicitan que se equipare alícuota para las ventas de carne dentro y fuera de su estado .....	5
<b>URUGUAY</b> .....	<b>5</b>
Lluvias demoran cargas de ganado – Valores en equilibrio.....	5
Sigue muy atrasada la entrega de caravanas.....	6
Importadores chinos ofrecen hasta US\$ 400 menos por tonelada de carne .....	6
Jornada internacional de bienestar animal.: Grandin afirmó que Uruguay debe llegar más al consumidor .....	6
<b>PARAGUAY</b> .....	<b>7</b>
Técnicos de Chile auditan tres frigoríficos suspendidos .....	7
Campaña contra la aftosa no incluirá vacas y bueyes .....	8
Programa para incrementar tasa de procreo.....	8
<b>UNIÓN EUROPEA</b> .....	<b>9</b>
IRLANDA inicia las ventas de carne vacuna a CHINA vía internet.....	9
Cuota 481: En solo 16 días se completó el primer trimestre del ciclo 2018/19 .....	9
<b>ESTADOS UNIDOS</b> .....	<b>9</b>
Sigue en expansión el rodeo vacuno de EEUU .....	9
Trump anunció un programa de \$12000 millones para morigerar el efecto del alza de aranceles .....	11
Opiniones del sector ganadero: incertidumbre y desconfianza sobre sus efectos.....	11
USDA criticó estrategia de OMS sobre guía para el uso de antibióticos .....	13
Crece stocks de carnes como consecuencia de la caída de las exportaciones .....	14
<b>AUSTRALIA</b> .....	<b>15</b>
MLA organizó su evento anual de promoción de carnes en Bruselas .....	15
<b>EMPRESARIAS</b> .....	<b>16</b>
BRF eligió nuevos miembros en su Consejo de Administración.....	16
Empresa china Sundiro Holding apunta a comprar más frigoríficos en URUGUAY .....	16
Minerva: el mayor desafío de Brasil es conquistar los mercados asiáticos de carnes .....	17
Prevén buenos resultados para Marfrig y Minerva.....	17



## **BRASIL**

### **Mercado ganadero en alza**

Sexta-feira, 27 de julho de 2018 - A cotação da arroba do boi gordo subiu na maioria das praças pecuárias na última quinta-feira (26/7).

As escalas de abate estão encurtando e aumentando a ociosidade dos frigoríficos.

Para definir alguma programação de escala, que por vezes não passa de três dias, os compradores precisam fazer ofertas de compra interessantes.

Em São Paulo, segundo levantamento da Scot Consultoria, a arroba do boi gordo subiu 2,9% desde o início do mês e a referência está em R\$143,00, à vista, livre de Funrural. E mesmo com as recentes altas, ainda há ofertas de compra acima da referência.

Entretanto, vale destacar, que a venda de carne não evolui e os preços caíram mais uma vez considerando os cortes sem osso. Em sete dias, a queda foi de 0,3%. A margem dos frigoríficos caiu seis pontos percentuais desde o início do mês.

### **Maggi pronosticó que Brasil producirá 27 millones de toneladas de carnes hacia 2027/28**

Fonte: Mapa.24/07/18 - por Equipe BeefPoint Nos próximos dez anos, o Brasil vai produzir 70 milhões de toneladas de grãos a mais, segundo Maggi, saltando de 232 milhões de toneladas para uma safra de 302 milhões t em 2027/2028, puxadas principalmente pela soja (156 milhões t) e milho (113 milhões t), incremento de 30%. As carnes (bovina, suína e de frango) devem passar de 27 milhões t para 34 milhões t, em alta de 27% (+7 milhões t) no mesmo período.

“O uso crescente de tecnologia, como plantio direto na palha, de sementes certificadas e novos métodos de cultivo, têm sido responsável pelo aumento da produção agrícola (30%) e corresponde ao dobro da variação de área de grãos (+14,5%)”, explicou o ministro da Agricultura, Blairo Maggi, ao comentar a projeção agropecuária para a safra 2027/2028.

Maggi destacou ainda o fato de que a área usada para a agricultura não vai aumentar nem 15%. A pecuária também tem introduzido novas tecnologias em escala crescente. O uso de raças melhoradas, uso de medicamentos, controle de cruzamentos, boas práticas de manejo, entre outras técnicas e procedimentos, têm contribuído para o desempenho e a melhoria da produção.

Os números integram o estudo da Secretaria de Política Agrícola do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento e da Secretaria de Gestão e Desenvolvimento Institucional da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (SIRE/Embrapa).

A pesquisa envolveu dados da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), Embrapa, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), FAPRI (Food and Agricultural Policy Research Institute) e do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (United States Department of Agriculture/USDA, sigla em inglês).

### **Exportadores de carne enfocados hacia CHINA ante el cierre de RUSIA, mercado que continúa trabado por “cuestiones técnicas”**

Portal DBO - 26/07/2018 Setor está direcionando esforços para o país asiático na tentativa de minimizar os efeitos do embargo russo

O desempenho do comércio brasileiro com os Brics, registrado durante o primeiro trimestre, mostra “como os produtores de carne brasileiros estão direcionando seus esforços para a China na intenção de mitigar os impactos causados pela restrição russa à proteína animal do País”, avalia o grupo Maersk em relatório divulgado nesta quarta-feira, 25. O bloco de nações emergentes é composto por Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul.

“Quando olhamos para a exportação de carga refrigerada para a Rússia, vemos uma queda brusca no crescimento – de 21% no quarto trimestre de 2017 para apenas 5,1% nos três primeiros meses de 2018 – com carne caindo para uma alta mínima de 0,03%. Em compensação, a exportação de aves para a China cresceu 5,8% no primeiro trimestre em relação ao mesmo período de 2017, resultado melhor que a alta de 4,7% registrada no quarto trimestre de 2017”, destaca Matias Concha, diretor de Trade e Marketing da Maersk Line para a Costa Leste da América do Sul.

O executivo acrescenta que, atualmente, os embarques de carne para a Rússia pararam completamente, enquanto as exportações de carga refrigerada da China continuam crescendo. Como consequência deste movimento, o Maersk espera um desempenho abaixo da média para as importações gerais do Brasil para o bloco, no segundo semestre, “ao passo que o forte desempenho da exportação de carne para a China está pressionando a capacidade de todas as empresas de transporte marítimo”.



27/07/18 - por Equipe BeefPoint As negociações para a reabertura da Rússia às carnes bovina e suína do Brasil tiveram avanços durante a cúpula dos Brics, que está ocorrendo na África do Sul, mas um desfecho positivo para os exportadores brasileiros ainda depende de “questões técnicas”, afirmou hoje o ministro da Agricultura, Blairo Maggi em um grupo de WhatsApp formado por representantes do setor agrícola.

Blairo se reuniu nesta quinta-feira com o ministro da Agricultura da Rússia, Dmitry Patrushev. “Acertamos que assim que resolver questões técnicas discutidas na reunião do dia 24/07/2018 [...] eles reabrirão o mercado de carnes suína e bovinas e não há outros empecilhos”, escreveu Blairo na mensagem enviada pelo aplicativo de mensagens.

De acordo com o ministro brasileiro, o presidente Michel Temer também tratou do assunto com o presidente da Rússia, Vladimir Putin, durante a cúpula em Joanesburgo.

Na terça-feira, técnicos do Ministério da Agricultura se reuniram em Moscou com representantes do serviço veterinário da Rússia para tratar da reabertura do mercado às carnes do Brasil. Moscou proibiu as compras de carnes bovina e suína brasileiras no fim do ano passado, alegando a presença do promotor de crescimento ractopamina — que é proibido na Rússia — em lotes vindos do Brasil.

Na reunião entre os técnicos, ficou acertado que o Ministério da Agricultura enviará na semana que vem um documento com os resultados das investigações feitas no Brasil sobre a presença de ractopamina. Considerando a mensagem enviada por Blairo nesta terça-feira, seria, em tese, o último passo para a reabertura do mercado russo. No entanto, há dúvidas se Moscou enviará uma missão de técnicos ao Brasil para visitar os frigoríficos e só assim reabilitá-los, disse ao Valor uma fonte do setor de carnes.

### **Proyecto de ley prohibiendo exportaciones de hacienda en pie podrá nuevamente ser tratado por el plenario de la Asamblea Legislativa de San Pablo**

Portal DBO - 25/07/2018 Projeto de Lei que proíbe a exportação de gado vivo em SP fica novamente apto para votação em plenário

O Projeto de Lei 31/2018, que busca proibir o embarque de animais vivos no transporte marítimo e/ou fluvial, com a finalidade de abate para o consumo, foi aprovado do Congresso de Comissões da Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo, realizado nesta terça-feira, 24 de julho. Na noite de 24 de julho, uma emenda proposta pelo deputado Barros Munhoz (PSB) foi rejeitada pelos deputados presentes no Congresso de comissões.

O deputado Itamar Borges (MDB), presidente da Comissão de Agricultura, afirmou que continuará lutando pela aprovação da emenda, afirmando que ela garantirá efetivamente a proteção animal. “Defendo a causa animal, o bem-estar animal e essa emenda garante isso, sem proibir uma atividade econômica que gera mais de 17.000 empregos no Estado de São Paulo”, afirmou.

Autor do projeto, o deputado Feliciano Filho (PRP) afirma que emenda foi criada de última hora apenas para impedir que o PL 31 fosse colocado em pauta. “A oposição usou todas as manobras possíveis, mas não conseguiu impedir o projeto”, destacou.

Com a rejeição à emenda, o que prevaleceu foi o relatório do relator do PL, o deputado Roberto Tripoli (PV), que foi aprovado pelas comissões. Agora, o PL está pronto para ser votado em plenário, sendo necessário apenas que o presidente da Alesp, Cauê Macris (PSDB), o pautar.

### **Paraná acelera los pasos para convertirse en zona libre de Aftosa sin vacunación**

24/07/18 - por Equipe BeefPoint A contagem regressiva para que o Paraná seja reconhecido como Zona Livre de Aftosa Sem Vacinação já começou. No dia 18 de junho deste ano, o diretor-presidente da Agência de Defesa Agropecuária do Paraná (Adapar), Inácio Afonso Kroetz, encaminhou ofício ao diretor do Departamento de Saúde Animal do Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento (Mapa), Guilherme Marques, solicitando que o órgão realize uma auditoria no Estado, visando a suspensão da vacinação e o reconhecimento como Zona Livre de Febre Aftosa Sem Vacinação.

Essa será a segunda auditoria realizada pelo Mapa no Paraná este ano. Em janeiro, profissionais do Ministério avaliaram os programas, estrutura, capacidades técnica, financeira e administrativa do nosso serviço de vigilância da sanidade agropecuária. O objetivo foi verificar se o Estado reúne condições de obter este novo status sanitário e depois mantê-lo adequadamente.

O resultado foi ótimo. O Mapa avaliou o serviço sanitário paranaense como um dos melhores do Brasil. Essa condição reforça o pleito do Estado de antecipar o cronograma para se tornar Zona Livre de Febre Aftosa Sem Vacinação em 2020, obtendo este reconhecimento junto à Organização Mundial de Saúde Animal (OIE) em 2021.

Segundo Kroetz, da Adapar, a febre aftosa é uma doença que mede, como um termômetro, a qualidade do serviço veterinário oficial. “Então, não se trata apenas de um título referente a uma doença, mas sim ter todo um serviço veterinário a altura, que seja capaz de garantir o Estado livre da doença sem vacinação”, afirma. Nesse sentido, o reconhecimento da OIE do Paraná como Zona Livre de Febre Aftosa Sem Vacinação será o coroamento de uma defesa agropecuária robusta e eficaz.



## PROGRAMA

O Programa Nacional de Erradicação de Febre Aftosa (Pnefa) do Mapa dividiu o Brasil em cinco blocos regionais para a retirada gradual da vacina. O Paraná inicialmente integra o Bloco V, junto com o Rio Grande do Sul, Santa Catarina (que já é área livre de febre aftosa sem vacinação), Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. Ocorre que este bloco, de acordo com o cronograma estabelecido pelo Pnefa, só se tornaria livre da vacinação em 2023, um horizonte muito distante da vontade dos pecuaristas paranaenses e da capacidade do Paraná de estruturar sua defesa sanitária animal.

Além disso, existem diferenças de visão estratégica entre os Estados. Enquanto Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul têm seu grande potencial econômico na produção de aves e suínos, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul possuem foco na produção de bovinos. Por conta disso, pode haver diferentes interesses em investir na busca deste novo status sanitário. Fato evidente destas diferenças são as divisas que entraram no Estado em 2017 por meio da exportação de carnes.

Naquele ano o Paraná respondeu por 14,5% da carne suína exportada pelo Brasil e 35,2% da carne de aves. Já a participação paranaense na exportação de carne bovina ficou em 1,8%. Isso indica que a cadeia da bovinocultura é importante, mas não tem tanto peso na nossa economia quanto a suinocultura e avicultura.

Essa condição se repete nos três Estados da região Sul, que juntos responderam por 84,9% das exportações brasileiras de carne suína no ano passado, 77,5% das exportações de aves e só 5,1% de carne bovina. Aguardar que todo Bloco V se estruture para retirar a vacina não é estratégico para os produtores paranaenses, uma vez que o Estado já tem todas as condições técnicas para isso.

Dessa forma, o pleito do Paraná é que o Estado siga, de forma independente, o mesmo cronograma do Bloco I, que seria reconhecido como área livre da doença sem vacinação em 2021.

## MERCADO

A partir da conquista deste novo status sanitário, o Paraná poderá buscar novos mercados que pagam mais pela qualidade da carne. Apesar da espécie vacinada contra a febre aftosa ser a bovina, os impactos se refletirão em todas as cadeias de proteínas animal e vegetal, principalmente na avicultura e suinocultura, atividades nas quais o Paraná é tido como referência nacional e mundial na produção, tanto na qualidade como na quantidade.

Como maior exportador de aves e segundo maior rebanho de suínos do Brasil, o Estado teria grandes vantagens com a retirada da vacinação. “Esse reconhecimento de Zona Livre da Febre Aftosa Sem Vacinação, na verdade, é um atestado de que temos um bom sistema de defesa”, observa o diretor executivo do Fundo de Desenvolvimento da Agropecuária do Estado do Paraná (Fundep), Ronei Volpi. Segundo ele, há mais de 40 anos o Paraná busca o fim da vacinação no Estado. “O último caso de aftosa no Brasil foi registrado há mais de 12 anos, já é hora de darmos este passo”, avalia.

## Miembros de Cosalfa se unen para vacunar el rodeo venezolano

Fonte: Mapa Portal DBO - 26/07/2018 Comissão vai criar um fundo e destinar 39 milhões de doses para realizar as campanhas no país

O diretor do Departamento de Saúde Animal (DSA) do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) e representante do Brasil na Organização Mundial de Saúde Animal (OIE), Guilherme Marques, informou que o Centro Pan-Americano de Febre Aftosa (Panaftosa) está coordenando, por determinação dos países membros da Comissão Sul Americana da Luta Contra febre aftosa (Cosalfa), um plano de vacinação contra a doença no rebanho bovino e bubalino da Venezuela, durante dois anos, podendo ser prorrogados por mais dois anos. O comunicado do Panaftosa foi feito na semana passada.

A decisão da Cosalfa foi tomada pelos 13 países membros na 45ª reunião da comissão, que ocorreu em maio. Para tanto, buscará a criação de um fundo privado para empregar nas ações de defesa, como a contratação de vacinadores, aluguel de carros para campanhas de vacinação, compra de pistolas para aplicação das vacinas e estruturação da cadeia de frio para a conservação das vacinas. Os países buscarão apoiar as ações com o envio de profissionais e doação de vacina contra a doença.

Segundo Guilherme Marques, que também preside o Comitê Veterinário Permanente do Cone Sul (CVP), os serviços sanitários sul americanos estão se reunindo com a iniciativa privada de seus países, para iniciar em novembro campanha de vacinação na Venezuela. “É um projeto que o Brasil tem interesse estratégico por causa da fronteira, e todo o investimento feito pelo Brasil na erradicação da aftosa e principalmente para obtermos maior segurança na região.”, explicou o diretor.

A previsão é que sejam doadas 39 milhões de doses de vacinas/ano à Venezuela, das quais 32 milhões serão aplicadas em duas campanhas (todo o rebanho), e 7 milhões para serem direcionadas em uma campanha intermediária, voltada apenas aos animais com idade de até 24 meses.

A Venezuela não produz vacinas contra a febre aftosa há vários anos. “No momento em que houver a vacinação, deverão ser recadastradas as propriedades e os rebanhos, com inspeção clínica dos animais e coleta de amostras, para erradicarmos a aftosa de todo o continente”, explicou Marques.



“Nós temos que interromper a circulação do vírus da aftosa na região (Colômbia e Venezuela). E, obviamente, dar condições ao setor privado e ao serviço veterinário oficial da Venezuela para realizarem trabalho de longo prazo na erradicação e prevenção da doença”, completou. O diretor esclarece que o Brasil historicamente tem 50 milhões de vacinas contra aftosa em seu estoque emergencial.

### **Frigoríficos de Mato Grosso solicitam que se equipare alíquota para las ventas de carne dentro y fuera de su estado**

27/07/18 - por Equipe BeefPoint Os representantes das empresas frigoríficas de Mato Grosso querem a isonomia da taxa do Fundo Estadual de Equilíbrio Fiscal (FEEF) cobrada para a venda de carne dentro e fora do estado.

Atualmente, de acordo com o setor, a alíquota para a comercialização da carne no mercado interno é de 3,5% enquanto que para outros estados é de 2,5%.

“Queremos a equiparação dessa taxa para que o preço da carne no mercado interno não seja maior que em outros Estados”, pontuou o presidente do Sindifrigido Sindicato das Indústrias de Frigorífico de Mato Grosso (Sindifrigido), Luiz Freitas.

A reivindicação foi apresentada ao governo do estado na tarde da quarta-feira (25), em uma reunião com a Secretaria de Fazenda. O setor deverá se reunir na próxima semana para oficializar uma proposta que será apresentada posteriormente ao governo.

A cobrança da taxa está em vigor desde julho e poderá existir por três anos – contando de junho este ano, mas fica sujeito a renovação a cada 12 meses.

O FEEF deverá constituído, principalmente, de recursos oriundos dos recolhimentos de Imposto sobre Operações relativas à Circulação de Mercadorias (ICMS).

A expectativa é que R\$ 107,2 milhões sejam arrecadados ainda este ano. Já entre janeiro e maio de 2010, a estimativa é que R\$ 76,6 milhões entrem em caixa.

## **URUGUAY**

### **Lluvias demoran cargas de ganado – Valores en equilibrio**

Julio 27, 2018 Por Blasina y Asociados, especial para El Observador

Valores de referencia para los negocios y volumen de faena seguirían equilibrados en las próximas semanas

Las lluvias persistentes demoran las cargas de ganados destinados a frigoríficos al cierre de la semana. Eso ha permitido –excepcionalmente– lograr algún centavo por encima de US\$ 3,45 por kilo de carcasa en novillos especiales. El volumen de carga y una corta distancia a frigorífico son factores que también permiten un plus de valores. La oferta de novillos especiales de verdeo sigue escasa, pero con un aumento gradual. Hay mayor disponibilidad de ganados de avena y de raigrás. El estado corporal de los animales posiblemente se vea golpeado por el temporal de estos días, con precipitaciones constantes y bajas temperaturas. Sin embargo, no se espera que afecte el interés de compra de la industria, que absorbe todos los ganados que van apareciendo, independientemente de la calidad, explicó un consignatario consultado.

Sigue, a la vez, la disparidad de valores entre plantas, con una brecha que se ha ampliado en las últimas dos semanas. Los precios ofrecidos para novillos gordos van desde US\$ 3,35 hasta US\$ 3,45. "La industria que quiera ganados buenos tiene que pagarlos", explicó. Por parte de los productores no hay especulación y en la medida que tienen los ganados prontos venden, agregó.

En vacas, las que superan los 230 kilos de carcasa logran un diferencial de precio, con un tope de hasta US\$ 3,25 por kilo y que se negocia "vaca a vaca". De ahí hacia abajo la escalera de valores es amplia, con una base de US\$ 3 por kilo. La industria, como en novillos, compra todo el ganado que aparece. Las vaquillonas siguen firmes, muy demandadas por el abasto y no se mueven de los US\$ 3,30 por kilo.

Se mantiene la disponibilidad de ganado de corral y la oferta de encierro se mantendría, al menos, hasta agosto. "Hay ventanas de salida de ganado de corral con fechas prefijadas desde hace mucho tiempo", explicó el operador. Y ese será un factor clave para que la faena pueda mantenerse durante las próximas semanas por encima de 40.000 cabezas.

La faena vacuna tuvo una caída marcada a 36.808 cabezas al cierre de la semana pasada, 17% por debajo de las 43.192 de la semana anterior con un día menos de actividad por el feriado del 18 de julio. Lo más destacado del dato semanal es la menor participación de novillos. Registró la segunda faena más baja del año con 16.547 animales, aunque un volumen muy similar a igual semana de 2017 cuando se dio el mínimo de oferta de la poszafra.

Para las próximas semanas se espera que la faena ronde las 40.000 cabezas y que los precios se mantengan equilibrados.



En ovinos la oferta sigue siendo prácticamente nula y la escasa disponibilidad impulsó los precios. Todas las categorías registraron subas en la grilla de consignatarios, excepto los corderos hasta 35 kilos que mantuvieron los US\$ 3,29 por kilo. Los borregos subieron cinco centavos a US\$ 3,33, las ovejas tres centavos a US\$ 3,05, el cordero pesado dos centavos a US\$ 3,35 y los capones un centavo a US\$ 3,14.

La faena de ovinos al 21 de julio fue de 9.956 cabezas, 300 más que la semana anterior y casi el doble que en la de la misma semana del año pasado, cuando se enviaron a frigorífico 5.067.

Se consolida la firmeza de precio para carne vacuna y ovina

El precio de exportación de carne vacuna sigue firme, con un promedio de US\$ 3.817 por tonelada en la semana cerrada el 21 de julio, con una suba de 4% respecto a la semana anterior, pero el volumen exportado fue el más bajo desde agosto de 2017 (5.370 toneladas).

En lo que va del año –1° de enero al 21 de julio– el precio promedio de la tonelada exportada fue de US\$ 3.583 frente a US\$ 3.382 de hace año. En este período los envíos de carne bovina al exterior totalizaron 253.471 toneladas, apenas por encima de las 251.290 toneladas de igual período en 2017.

En carne ovina el valor de exportación promedio del 8 al 14 de julio fue US\$ 5.357, apenas US\$ 2 menor que la semana anterior. En lo que va del año es de US\$ 4.574, 13% por encima de los US\$ 4.049 de un hace año. Y el volumen exportado se ubicó 2% por encima del mismo período de 2017, con 7.445 toneladas versus 7.211.

### **Sigue muy atrasada la entrega de caravanas**

20/07/2018 - El Ministerio de Ganadería, Agricultura y Pesca y el Correo Uruguayo sostuvieron ayer a través un comunicado que a partir del miércoles 25 del corriente estiman que se normalizará la entrega de caravanas para el ganado.

Los identificadores utilizados para garantizar la trazabilidad obligatoria de todo el rodeo bovino vienen arrastrando un atraso en la entrega desde hace varias semanas por algunos problemas generados en el Correo Uruguayo.

Ambas instituciones confirmaron que “se está trabajando” para corregir el inconveniente y normalizar la situación”. A su vez, consideraron que a partir de la fecha citada anteriormente, “el envío de caravanas retomará su flujo normal, el cual no excederá las 72 horas”. Es una época del año muy particular y la demanda de caravanas se incrementó, por lo que las demoras están generando problemas en los predios porque se están postergando trabajos específicos.

### **Importadores chinos ofrecen hasta US\$ 400 menos por tonelada de carne**

26/07/2018 - Hay incertidumbre monetaria y competidores vendiendo a precios más bajos a los de Uruguay.

En las últimas semanas se ha dado un “congelamiento importante” en las compras de carne vacuna de China, debido a la devaluación de la moneda asiática frente al dólar americano, comentó a Rurales El País Daniel Castiglioni, director de Casti Trading.

Explicó que la devaluación hace que el producto se encarezca y le quite fluidez al mercado. Pero también se debe tener en cuenta la posición de Argentina que está vendiendo “más barato” que Uruguay, y Brasil que “despierta el rumor que en cualquier momento abre las puertas de los depósitos y comienza a sacar carne a precios más bajos para mover los stocks”.

Muchas variables se presentan en el mercado que generan incertidumbre y hace que todo el mundo analice qué pasa y no se logren demasiadas operaciones, señaló Daniel Castiglioni.

Contó que en estos momentos de inestabilidad ha provocado que algunos importadores “vuelven a negociar los valores de los embarques en pleno viaje”, pero destacó que sucede en “pocas ocasiones”, porque “la mayoría de éstos cumplen con los contratos”.

Al momento el comprador presenta ofertas para cerrar nuevos negocios, sin embargo los valores son US\$ 300 o US\$ 400 por debajo de las referencias actuales del país. “Son precios muy bajos que no permiten la concreción de acuerdos por la carne”, dijo.

### **Jornada internacional de bienestar animal.: Grandin afirmó que Uruguay debe llegar más al consumidor**

20/07/2018 Aprovechar ventajas de la carne pastoril.

La Dra. Temple Grandin, la especialista y referente mundial en bienestar animal para la industria frigorífica y la producción pecuaria, dijo ayer en el marco de la Jornada Internacional: “Una Puesta al Día en Especies Productivas”, que “Uruguay debe hacer llegar más su etiqueta a los consumidores” en las carnes que exporta, remarcando su base pastoril y otros atributos.

En el marco de una ronda de preguntas celebradas en la jornada, que tuvo como sede el Hotel Regency Zonamérica, con una multitudinaria participación de productores y veterinarios, Grandin reconoció que



Uruguay tiene una situación única en el mundo para producir carne a pasto, a cielo abierto, por más que exporte carne de ganado de corral; la base de la producción es siempre pastoril.

La especialista afirmó que ya planteó esta estrategia más de una vez a las autoridades del Instituto Nacional de Carnes (INAC), para que se avance en llegar al consumidor con la etiqueta de carne uruguaya natural (libre de hormonas, producida respetando el bienestar animal y el medio ambiente). Insistió en que la ganadería uruguaya “no debe copar cosas de afuera” y puso algunos ejemplos de otros países, donde se adaptaron cosas que fracasaron.

Pero en este sentido, la cadena cárnica uruguaya no está durmiendo la siesta. El presidente del Instituto Nacional de Carnes (INAC), Federico Stanham dijo a El País que “Uruguay está profundizando en el conocimiento de sus principales mercados, apostando acercarse al consumidor final que no nos conoce”, porque hoy vive una situación de mercados más estabilizada que posibilita posicionar su marca.

El jerarca recordó que “el 90% de la carne uruguaya “es producida en base a pasto y apenas el 10% es terminada a granos, siempre con base pastoril; eso no quita el atributo de criado a pasto”, aclaró. Hasta el momento, se venía trabajando para recuperar los mercados perdidos tras la epidemia de fiebre aftosa y hoy se está en otra posición.

Grandin: “Un animal bien tratado es más productivo”

22/07/2018 - La especialista mundial en bienestar animal y referente para la industria frigorífica, la producción y los consumidores, Temple Grandin, afirmó que “un animal bien tratado es más productivo”.

Grandin llegó a Uruguay para desarrollar la Jornada Internacional Bienestar Animal: “Una puesta al día en especies productivas”, organizada por la Facultad de Veterinaria. También desarrolló otras actividades con productores y técnicos, como la que se hizo en el Local “Santa Bernardina”, de la Sociedad Rural de Durazno. En ese marco desarrolló algunas actividades prácticas, orientando acerca del manejo de los animales en las mangas, para lograr una mejor productividad y evitar posibles accidentes laborales en el campo y la industria.

Tras desarrollar algunas actividades similares en la pecuaria brasileña, la catedrática de la Universidad de Colorado (Texas) afirmó que la gira “ha sido muy buena” y comentó que “encontró mucho interés de los estudiantes y los productores en conocer cómo se trata mejor el ganado. La gente se está dando cuenta que tratar bien a los animales es muy bueno, no solamente porque es lo correcto, porque los animales tienen sentimientos y emociones, sino además porque el ganado si está tranquilo, come mejor, engorda mejor y se reproduce mejor”. En una palabra, ganado bien manejado produce mejor.

“Lo primero que la gente tiene que saber es que se tiene que trabajar en calma, no tiene que haber gritos, no tiene que haber perros. Se tiene que poder estar trabajando en silencio y con tranquilidad”, aclaró.

Los consumidores hoy están presionando para mejorar el bienestar animal y están dispuestos a pagar más por productos que certifiquen este atributo. Para Grandin, el bienestar animal “se está mejorando. Está creciendo toda esta movida porque es que lo exigen los mercados a los que se exporta. Actualmente muchas de las cosas que se están implementando son a instancias de los mercados exportadores”.

Dijo que “una de las preguntas frecuentes es si el ganado se da cuenta que lo van a sacrificar y una respuesta es que en realidad el ganado se asusta más de pequeños detalles, como por ejemplo un trapo que dejaron colgado, una persona que pasa corriendo, movimientos abruptos, entonces esas cosas que son relativamente fáciles de solucionar a veces le produce más sufrimiento al animal y más temor”.

Grandin, destacó durante el desarrollo de la actividad en Durazno que las nuevas generaciones de estudiantes, profesionales y trabajadores del campo, resultan “vitales” para seguir avanzando en la temática del bienestar animal. “Hay mucha gente que está interesada en este sector, es muy entusiasta y ese es el tipo de gente que necesitamos en el futuro”, aseguró Grandin.

“Es un acontecimiento histórico para el departamento y para la región y los productores lo han aprovechado muy bien. Tempranamente se colmaron las matriculas disponibles para participar de las actividades con cientos de personas de todo el país, Argentina y Brasil”, dijo José Luis Callero, de la Facultad de Veterinaria, sobre la nueva visita de Temple Grandin.

## PARAGUAY

### Técnicos de Chile auditan tres frigoríficos suspendidos

24 de julio de 2018 | si cumplen, serán rehabilitados para exportar carne

Técnicos del Servicio Agrícola Ganadero de Chile iniciarán hoy una auditoría a tres frigoríficos de nuestro país que habían sido suspendidos para exportar carne al mercado trasandino. Verificarán si dichas plantas cumplieron con las recomendaciones que les habían hecho para ser habilitadas nuevamente.

Los técnicos chilenos Claudio Andrés Jara Sandoval y David Héctor Guerra Maldonado se reunieron ayer con sus pares del Servicio Nacional de Calidad y Salud Animal (Senacsa) antes de iniciar la auditoría de los tres frigoríficos.



Las plantas que habían sido suspendidas por el organismo sanitario chileno para exportar carne vacuna a ese país son Frigorífico San Antonio, Frigorífico Guaraní y Frigonorte. La suspensión dispuesta por el Servicio Agrícola Ganadero (SAG) de Chile a estas unidades de producción a principios de este año había sido por falencias en infraestructuras observadas en las mismas.

Ayer, el presidente de Senacsa, Fredis Estigarribia, comentó que los técnicos chilenos comenzarán hoy las tareas específicas de verificación en los tres frigoríficos. “Hoy hicimos una presentación institucional de las tres plantas frigoríficas y mañana (por hoy) iniciarán las visitas para verificar si cumplieron las recomendaciones y observaciones que habían hecho anteriormente cuando suspendieron la importación de carne”, dijo.

Los antecedentes indican que tras las inspecciones hechas del 4 al 20 de diciembre de 2017, en febrero último se informó que Chile inhabilitó la planta N° 2, Frigomerc; la N° 8, Mussa; el frigorífico Ipsa, con registro N° 13; la planta N° 17, Frigorífico Guaraní, y la industria Nav&Com, con el N° 35.

Por otra parte, en calidad de “pendiente” figuraban las plantas de Frigo Chorti (N° 9), Frigorífico Concepción (N° 38) y Frigo Chaco (N° 10). Solo quedaron habilitadas entonces las plantas de Neuland (N° 1) y la 321 de Frigorífico Guaraní. Varios fueron luego rehabilitadas.

Chile importó en 2017 96.444 toneladas de carne bovina paraguaya, 32% de nuestros envíos.

### **Campaña contra la aftosa no incluirá vacas y bueyes**

26 de julio de 2018 SAN IGNACIO, Misiones (Rafael Marcial Montiel, corresponsal). El acto de lanzamiento del tercer periodo de vacunación contra la fiebre aftosa se realizó ayer, a las 11:00, en el campo de exposición Nemesio Vargas de la Asociación Rural del Paraguay (ARP), Regional Misiones, distrito de San Ignacio. Este periodo se extiende hasta el 31 de agosto.

Asistieron, entre otros, el ministro de Agricultura y Ganadería, Luis Gneiting, y los titulares de la ARP, Luis Villasanti; de la Regional Misiones, Víctor Miranda; de Fundasa, Antonio Vasconcellos; y de Senacsa, Fredis Estigarribia. En la ocasión, Estigarribia explicó que el objetivo es inmunizar unos 8.300.000 vacunos, excluyendo vacas y bueyes, que a su vez serían 5.000.000 de cabezas. Añadió que en este periodo se inicia un plan a largo plazo para que el Paraguay sea libre de fiebre aftosa sin vacunación.

Por su parte, Vasconcellos resaltó el trabajo conjunto de productores y Senacsa, una asociación público-privada que no solo dio resultado en Paraguay, sino también sirve de ejemplo a otros países, dijo, resaltando que por primera vez se procederá a la vacunación excluyendo vacas y bueyes. Según Vasconcellos, el éxito del trabajo será el éxito de la producción ganadera, la comercialización y la exportación, “para que la carne paraguaya sea considerada la mejor carne del mundo”.

A su vez, Villasanti señaló que la ARP apoyará al pequeño ganadero para ayudar a la gente a salir de la pobreza. Resaltó asimismo la importancia de la vacunación contra la brucelosis, que también está en marcha, para levantar la tasa de procreo.

El presidente de la Regional Misiones expresó, por su parte, que la campaña contra la fiebre aftosa y la brucelosis es para fortalecer el estatus sanitario a nivel país y permitir a los productores ganar nuevos mercados a nivel nacional e internacional. Miranda agregó que en Misiones se vacunarán unas 500.000 cabezas de ganado de 8.500 productores pequeños, medianos y grandes ganaderos.

A su turno, Gneiting destacó la tarea de vacunación, argumentando que este trabajo coloca al Paraguay en uno de los mejores lugares en cuanto a estatus sanitario. Según el titular del MAG, en este tercer periodo de la campaña no se va a inmunizar vacas y bueyes como parte ya de un plan para lograr que el país avance hacia el nivel de libre de fiebre aftosa sin vacunación.

### **Programa para incrementar tasa de procreo**

21/07/18 Uno de los factores por los que disminuyó el hato ganadero en nuestro país es la demanda a nivel mundial de carne, dijo Alejandro Ávalos, del Viceministerio de Ganadería, en una charla que brindó junto a Karina Santacruz, sobre procreo, que se hizo ayer a la tarde en el stand de la Expo del MAG.

La meta del programa es lograr la eficiencia reproductiva, lo que en la práctica significa producir un ternero por hembra al año.

Desde el año 2012 hasta el año 2016 se tiene registrado que aumentó la faena en un 27%. Ante esa realidad, el objetivo del programa de procreo es aumentar esa tasa con los pequeños y medianos productores para lograr la competitividad, rentabilidad y productividad.

Los beneficiarios del programa son aquellos productores que tienen de 1 a 300 vientres. Como parte del programa se les brinda acceso a tecnologías, conocimientos y asistencia técnica en las áreas reproductiva, manejo, nutrición, sanitación de los rodeos, manejo reproductivo, nutricional y administrativo financiero de las fincas. Se pretende con todo ello lograr sistemas de fincas modelos que sean replicadas en varios departamentos del país.

El programa empezó con inseminaciones en 100 vientres en el año 2016, el año pasado aumentó a 1.000 vientres y la meta para este año es inseminar 2.000 vientres de ganado de pequeños productores, en este





caso de unas 150 familias de los departamentos de Paraguari, Cordillera, Caazapa, Ñeembucú y Presidente Hayes y próximamente incluirán a Concepción, San Pedro y Caaguazú.

## **UNIÓN EUROPEA**

### **IRLANDA inicia las ventas de carne vacuna a CHINA vía internet**

23/07/2018 - La empresa ABP, una de las principales firmas cárnicas de Irlanda y Reino Unido, acaba de anunciar el acuerdo alcanzado con Beijing Hopewise para la venta on line de carne de vacuno irlandesa. Según publicó el portal Eurocarne, la venta se realizará a través de uno de los principales portales de comercio electrónico de alimentación de este país que cuenta con más de 300 millones de usuarios activos.

“Este acuerdo es un respaldo más tangible de la carne de calidad que Irlanda y ABP siguen ofreciendo”, dijo Mark Goodman, director de la división internacional de ABP. “Esperamos trabajar estrechamente con el Departamento de Agricultura y con Bord Bia para seguir aumentando la cuota de mercado de la carne irlandesa en China”.

Aunque es muy escaso en Irlanda, el proceso de compra on line de carne fresca es una de las tendencias de mayor crecimiento en el mercado chino, dijo ABP.

### **Cuota 481: En solo 16 días se completó el primer trimestre del ciclo 2018/19**

24/07/2018 - Se trata de un hecho sin antecedentes que aumenta la incertidumbre del negocio.

El rápido cumplimiento de la cuota 481 “sigue sorprendiendo” y “generando incertidumbre” a exportadores e importadores, comentó a Rurales El País el Ing. Agro. Rafael Tardaguila, director de Tardaguila Agromercados y editor del boletín Faxcarne.

Explicó que con los embarques ingresados ayer lunes a la Unión Europea, se logró completar el cupo trimestral de 11.250 toneladas de carne vacuna. El analista subrayó que esto significa “un gran dolor de cabeza” para los operadores que deben redefinir los futuros negocios.

Solamente fueron necesarios 16 días hábiles para cerrar el trimestre, un hecho sin antecedentes, resaltó Tardaguila. Además agregó: “Los ingresos de carne vacuna fueron a razón de un poco más de 700 toneladas diarias y quedó mucho volumen por ingresar”.

La cuota 481 es un contingente de 45.711 toneladas de carne de alto valor, con arancel cero y proveniente de animales terminados a grano en corrales de engorde durante los últimos 100 días previos a la faena. Son cinco los países habilitados: Estados Unidos, Australia, Nueva Zelanda, Uruguay y Argentina.

## **ESTADOS UNIDOS**

### **Sigue en expansión el rodeo vacuno de EEUU**

23 de julio de 2018 El Departamento de Agricultura de Estados Unidos (USDA, por su sigla en inglés) informó que al 1° de julio pasado el stock bovino estadounidense se ubicó en 103 millones de cabezas, una expansión de 1% respecto a igual fecha de 2017.

El total de vacas y vaquillonas paridas fue de 41,9 millones, una cifra 1% superior al 1° de julio de 2017 (41,6 millones de cabezas). El rodeo de vacas carniceras llegó a 32,5 millones de cabezas, también 1% más que un año atrás.

La producción de 36,5 millones de terneros, marcó un incremento de 2% respecto al año pasado.

Los novillos superiores a 500 libras (227 kilos) totalizaron 16,4 millones de cabezas, apenas por encima del año anterior. Los terneros nacidos durante la primera mitad de 2018 se estiman en 26,6 millones de cabezas (2% más que en la primera mitad de 2017) y se espera que nazcan otros 9,9 millones de terneros durante la segunda mitad de 2018.

Mientras esta expansión continúa y se hace notar en la oferta, las exportaciones pierden dinamismo por las guerras comerciales de Trump, y el stock de carne vacuna en cámaras está 8% por encima de las de un año atrás según divulgó hoy el USDA.

El stock total de carnes rojas está 5% por encima del año pasado y el de carne de pollo 6% por encima. La industria cárnica estadounidense está cada vez más ansiosa porque China y México han impuesto aranceles a la carne de EEUU como respuesta a las sanciones estadounidenses, al aluminio, acero y otros productos.

July 27, 2018 USDA released a flurry of reports last week, including the mid-year Cattle inventory, the July Cattle on Feed, and the July Livestock Slaughter reports. The Cattleinventory report provides the first



estimate of the nation's 2018 calf crop along with an update regarding how rapidly the U.S. cattle herd is increasing.

USDA estimated that the July 1 all cattle and calves inventory was 103.2 million head, 1 percent larger than a year earlier. According to Purdue University agricultural economist James Mintert, farmers and ranchers have been increasing the size of the U.S. herd since 2014, when the herd bottomed out at 95.7 million head.

"Although this year's cattle and calves inventory was nearly 8 percent larger than in 2014, it was still 1.5 percent smaller than the pre-ethanol era inventory peak that occurred in 2006," Mintert says.

The preliminary estimate of the U.S. calf crop was 36.5 million head, nearly 2 percent larger than in 2017. This marks the fourth year in a row that the calf crop was larger than in the previous year.

"Looking ahead, heifers being held for beef cow replacement on July 1 declined just over 2 percent compared to last year, which is consistent with the notion that cattle herd expansion is slowing down and could even come to a halt in 2019," he adds.

The July 1 cattle on feed inventory for feedlots with over 1,000 head capacity was 11.3 million head, which was 4.3 percent larger than a year earlier and nearly 9 percent larger than the five-year average for July 1. Net placements (gross placements minus other disappearance) of cattle on feed during June were up 1 percent compared to 2017, but were larger than typical for June, rising 16 percent above the five-year average.

According to Mintert, marketings of fed cattle were somewhat sluggish during June as marketings expressed as a percentage of the on-feed inventory fell 3 percent below a year earlier.

"Although the July on-feed inventory indicates near-term fed cattle supplies will remain plentiful, the placement pattern of recent months suggests marketings could be at or near their peak now.

"Over the last four months, placements of cattle on feed fell 4 percent below a year ago," Mintert explains. "All of the decline in placements occurred among heavier weight cattle as placements of cattle weighing more than 700 pounds declined 7 percent whereas placements of light weight cattle, those weighing less than 700 pounds, actually rose 1 percent compared to a year earlier."

Looking ahead, Mintert shares that weak feed grain prices this fall could encourage more placements of light weight cattle on feed, which will impact fed cattle marketings in 2019 as lighter weight placements will lead to increasing the average number of days cattle are on feed.

Cattle slaughter this year has consistently been larger than in 2017. Average daily slaughter, which accounts for the difference in days most slaughter plants are operational each month, was 2 percent larger during January through April. However, the slaughter pace, and beef production, picked up substantially during May and June as daily slaughter volume rose 5 to 6 percent above a year earlier. Heavier weights pushed beef production up even more than slaughter volume would indicate as daily beef production rose 6.6 percent during May and 5.7 percent during June.

The percentage of females in the slaughter mix has been increasing, providing additional evidence that cattle herd growth could be coming to an end according to Mintert. Cow and heifer slaughter expressed as a percentage of steer slaughter averaged nearly 83 percent during May and June, up from 75 percent compared to the same two months in 2017. During January-June this ratio averaged 90 percent compared to 83 percent last year.

"The rise in the female-to-steer slaughter ratio is not large enough to suggest any liquidation is taking place, but it is indicative of waning interest in herd expansion," he says. "Additionally, drought and tight forage supplies this year in two key cow-calf producing states, Texas and Missouri, could help bring expansion to a halt."

One unknown hanging over all meat markets is the impact of rising tariffs on meat exports.

"Meat exports have been a bright spot for meat demand in recent years as growing consumer incomes in importing countries has supported increasing exports of U.S. produced beef, poultry, and especially, pork.

"The impact of rising tariffs on U.S. meat exports will be felt even more strongly in the second half of the year as tariffs on many products exported to China, Mexico, and Canada increased again in early July," Mintert explains.

During 2017, 11 percent of U.S. beef production was exported to all destinations. The largest U.S. beef customer in 2017 was Japan followed by South Korea (17 percent), Mexico (15 percent), Hong Kong (12 percent), and Canada (11 percent). Three of those top five destinations will be impacted by increases in tariffs on beef products from the U.S.

Mintert also adds that fed cattle prices started the year off stronger than in early 2017 and remained above year-earlier levels through early March. However, since early March, fed steer and heifer prices have consistently fallen below levels observed a year earlier as fed steer prices in the Southern Plains averaged \$116 per cwt. during the April-June quarter, 12 percent lower than during 2017's spring quarter. Prices during the first three weeks of July averaged about \$112 per cwt., 6 percent lower than a year ago as large meat supplies continued to depress prices.



In contrast to fed cattle, prices for steer calves in the eastern Corn Belt started the year off much stronger than in 2017, primarily because prices in 2017 were very weak. Prices for 500-600 pound steer calves in Kentucky averaged \$159 per cwt. during the January-March quarter, 17 percent higher than a year earlier before declining slightly during the second quarter to average \$156 per cwt., 1 percent lower than during April-June 2017.

"Declines in corn prices have been supportive of prices for both calves and feeder weight steers this summer and are expected to remain supportive this fall.

"Looking ahead, fed cattle prices are expected to remain below a year ago this summer and fall as large meat supplies continue to exert downward pressure on prices. The magnitude of the decline will depend in part on how tariffs wind up impacting meat exports," Mintert says.

Last summer fed steer prices in the Southern Plains averaged \$112 per cwt. This summer prices are likely to average below \$110 per cwt and could dip as low as \$105 per cwt. Last fall fed steer prices averaged \$118 per cwt. According to Mintert, large meat supplies exacerbated by weak exports could push fed steer prices down into the low teens this fall.

In conclusion, feeder cattle and calf prices are expected to fare better than prices for fed cattle as lower feeding costs of gain are bid into the prices for replacements. Prices for 500-600 pound steer calves in Kentucky during fall 2017 averaged \$151 per cwt., nearly \$25 per cwt. lower than the previous fall. Prices this fall could average in the high \$140s, close to year ago levels, supported by weak feed grain prices.

### **Trump anunció un programa de \$12000 millones para morigerar el efecto del alza de aranceles**

July 24, 2018 4:06 During a speech to the VFW in Kansas City, Mo., President Trump said farmers "will be the biggest beneficiary" of his tariffs, and he urged them to "just be a little patient."

The Trump administration is coming to the aid of farmers hurt by its own hard-line trade policies, announcing Tuesday that it will make an estimated \$12 billion in government assistance available, including direct payments to growers.

The money comes after farmers, especially soybean growers, have felt the brunt of retaliatory tariffs placed on agriculture by China and other nations that the Trump administration has penalized with tariffs on imports.

Agriculture Secretary Sonny Perdue and other USDA officials say the aid will be available in three forms; direct payments; government purchases for distribution to food banks; and development of new export markets.

Agriculture Secretary Sonny Perdue announced the aid in a call to reporters, saying the programs "are a firm statement that other nations cannot bully our agricultural producers to force the United States to cave in."

China, the European Union, Canada and Mexico have all been hit by U.S. levies on imports including steel and aluminum and have retaliated by placing their own tariffs on U.S. agricultural exports, thus targeting farm states that are politically important to the president.

During a speech to the Veterans of Foreign Wars in Kansas City, Mo., President Trump said his tariffs are working and bringing nations to the bargaining table. Trump said farmers "will be the biggest beneficiary," and he urged them to "just be a little patient."

Perdue and other USDA officials say the aid will be available in three forms; direct payment to producers of soybeans, sorghum, wheat, cotton, dairy and hogs; government purchases of fruit, nuts, legumes, and some meats for distribution to food banks; and development of new export markets.

Trump Is Ready To Go All In On Trade War With China

Congressional Republicans Struggle To Push Back On Trump's Tariffs

Officials say they will be using a Depression-era program, the Commodity Credit Corporation, to secure money from the U.S. Treasury and will not need to ask Congress for the funds.

Farm state lawmakers and other groups quickly criticized what they called a bailout. Sen. Ben Sasse, R-Neb., said the administration's trade war "is cutting the legs out from under farmers and White House's 'plan' is to spend \$12 billion on gold crutches."

He added, "This administration's tariffs and bailouts aren't going to make America great again, they're just going to make it 1929 again." (The Great Depression began in the U.S. that year.)

Taxpayers for Common Sense called the announcement "a recipe for disaster that would undo decades of progress toward weaning agriculture from financial dependence on federal subsidies."

### ***Opiniones del sector ganadero: incertidumbre y desconfianza sobre sus efectos.***

July 25, 2018 Cattlemen anxiously wait for details of the Trump Administration's tariff relief plan. Policy news grabbed the headlines yesterday, with Trump's visit to Kansas City and USDA Secretary Sonny Perdue announcing a \$12 billion relief package for farmers impacted by recent tariffs.

"NCBA looks forward to reviewing the details of the Trump Administration's trade retaliation relief package," says Kent Bacus, Director of International Trade for the National Cattlemen's Beef Association.



"Trade agreements and trade enforcement are the most effective long-term solutions to the challenges faced by U.S. beef producers. For many years, U.S. beef has been a target of high tariffs and restrictive trade policies from notorious actors like China and the European Union. We support a vigorous approach to tearing down trade barriers, including non-tariff barriers that are not based on science."

China is particularly important to the beef industry. The country reopened to U.S. beef in July 2017, after a 13-year hiatus. Until the ban in 2003, the U.S. supplied 70% of China's beef intake, so the potential is great. But there is still a lot of work to be done to create the open business channels necessary to expand the market.

"Removing China's highly-restrictive barriers on U.S. beef exports could unlock the full potential of that market and result in \$4 billion in annual sales. Here at home, beef producers need relief from onerous federal regulations that undermine their businesses. Let's start by fixing the restrictive hours-of-service rules for livestock haulers, modernizing the Endangered Species Act, and ending the 2015 Waters of the United States rule once-and-for-all."

Differences in Strategy

As details are still to come, other beef leaders also weighed in about the tariff situation.

"We support helping actual farmers and ranchers whose products are reduced in price due to retaliatory tariffs. However, I believe the multinational grain traders and meat packers, who wield considerable buying power for agricultural commodities and who oppose the President's trade reforms, are purposely exacerbating the real price effects in order to create a louder outcry at the grassroots level. We need to fundamentally change our nation's failed trade strategy and tariffs are the first step to stop the unfair trade practices that have caused an unnecessary exodus of U.S. farmers and ranchers," says Bill Bullard, R-CALF CEO.

"The U.S. is acting like a third-world country when it exports raw commodities like soybeans and corn, and even oil and coal, rather than to develop domestic industries to add value to those products before they are exported. China buys soybeans to feed livestock. We don't produce enough beef in America to meet domestic demand. We should be producing more beef but we can't because every time the price-point rises to the level that would encourage the U.S. to expand production, we import cheaper cattle and cheaper beef to curb the increased demand underpinning the price increase. So, our domestic industries shrink while we encourage overproduction and overcapacity in other countries. The pendulum has swung too far during the past quarter of a century and it will take time to recover from the serious damage the globalists have caused."

Fonte: GlobalMeatNews.com, traduzida e adaptada pela Equipe BeefPoint. 27/07/18 - por Equipe BeefPoint

Apesar de os EUA traçarem uma estratégia de curto prazo investindo US \$ 12 milhões para agricultores afetados por tarifas de retaliação, os produtores ainda parecem estar suando sobre o que o futuro pode significar para o setor.

O investimento dá aos produtores alguma esperança de reativar seus negócios, mas será que uma decisão mais equivocada, por vezes imprevisível, do presidente dos EUA, Donald Trump, vê as empresas desmoronarem diante dos olhos do produtor?

Surpreendentemente, alguns produtores revelaram que estão confiantes de que Trump pode salvar a indústria agrícola dos EUA, apesar de suas decisões controversas sobre as tarifas.

Mas os dados espantosos sobre o quanto o setor de carne poderia perder com a análise da US Meat Export Federation (USMEF) poderiam dar a Trump um grande alerta.

A USMEF revelou que as perdas da indústria de carne suína dos EUA devido às tarifas impostas pela China poderiam resultar em perdas de US \$ 9 por cabeça ou US \$ 770 milhões no período de maio a dezembro e US \$ 1,14 bilhão em prejuízos no ano inteiro.

As tarifas impostas pelo México à carne suína dos EUA também podem resultar em prejuízos de US \$ 300 milhões para o setor de suínos pelo restante do ano.

Enquanto isso, no setor de carne bovina, a USMEF estimou que as perdas de exportação para a China neste ano provavelmente excederão US \$ 30 milhões e poderão totalizar centenas de milhões nos próximos anos.

O presidente do Instituto Norte-Americano de Carnes, Barry Carpenter, explicou que, uma vez que os mercados estrangeiros são perdidos para os concorrentes, é "extraordinariamente" difícil reconquistá-los.

"A agricultura dos EUA é o maior setor da economia e a carne é o maior setor da agricultura", disse Carpenter. "Os efeitos em cascata dessas disputas comerciais sobre os agricultores, produtores de grãos e rações, transporte e economias locais ainda estão sendo quantificados, mas são, sem dúvida, enormes e de longo alcance.

"É fundamental que o nosso governo se envolva em diálogos com nossos parceiros comerciais que possam reconstruir relacionamentos e restaurar os mercados antes que danos permanentes sejam causados à nossa economia agrícola vibrante e às pessoas que a conduzem".



De acordo com o relatório da GlobalMeatNews sobre o estado da indústria, os EUA foram considerados uma das potências mundiais do comércio de carne e o maior exportador de carne em US \$ 16,3 bilhões em 2017.

No entanto, os próximos meses podem determinar se o lugar dos EUA como figura principal na indústria da carne está em risco.

Michelle Fox “We support the administration in enforcing trade,” he told CNBC on Monday. “We would differ on how some of this has been carried out. We would much prefer the use of trade agreements like the Trans-Pacific Partnership. We’ve seen a lot of benefit from having rules-based, science-based trade from those free trade agreements.”

Trump’s tariffs and China’s retaliatory measures come at time when there is a lot of supply piling up in storage, he said.

““The use of tariffs to try to bring leverage, we need to look at other options,” Bacus said on “Power Lunch.” “If we don’t see something turn around, this could have negative repercussions for us,” he added.

Last week, Trump told CNBC he is “ready” to put tariffs on all \$505 billion of Chinese goods imported to the United States.

Washington has already slapped tariffs on \$34 billion of Chinese products. Beijing hit back with retaliatory tariffs on the same amount of U.S. goods.

That caused tariffs on beef to go from 12 percent to 37 percent, said Bacus.

“We’re worried that the repercussions of some of these tariffs is essentially going to squeeze us out of the market,” he said.

The Chinese market for U.S. beef is not a big one. While China began importing U.S. beef last year after a 13-year ban due to concerns over mad cow disease, there are still a lot of restrictions, Bacus said.

The beef industry exports about 15 percent of what it produces, with three of its top five markets being in Asia. It exports things that Americans don’t typically want to buy – like beef tongues and short ribs, he said.

Meanwhile, meat is reportedly piling up in storage. Federal data are expected to show more than 2.5 billion pounds of beef, pork, poultry and turkey stockpiled in U.S. warehouses, according to The Wall Street Journal.

The glut is due to an expansion in cow herds, pork production and poultry production, which came in response to strong foreign demand, Bacus said.

“It takes about three years for our cows to come to market. So we were basing our production off of the market signals at the time. So we have a lot of product that’s going to come online,” he said.

“There’s a lot of demand for it but trade policies are kind of getting in the way right now. And we may not have that same access for the next few years.”

### **USDA criticó estrategia de OMS sobre guía para el uso de antibióticos**

July 25, 2018 U.S. Department of Agriculture officials are openly criticizing the World Health Organization (WHO) guidelines on antibiotics issued last November. USDA is reportedly developing alternative options to the WHO guidelines which limit the use of antibiotics in food animals.

The WHO guidelines called for an end to the use of medically important antibiotics routinely used for growth promotion or to prevent disease. The WHO said the drugs should only be administered to sick animals or healthy ones being raised near them, in the same flock, herd or fish population. Even then, drugs “critically important for human medicine” should not be used.

The guidelines were crafted after two years of work by experts in infectious disease, veterinary medicine and microbiology. USDA, however, has called the guidelines shoddy science and that the U.S. and other countries should have helped develop. U.S. policy bans antibiotics to promote growth in food animals, but allows the drugs to be used to prevent disease with a veterinarian’s approval.

“The WHO guidelines are not in alignment with U.S. policy and are not supported by sound science,” said Chavonda Jacobs-Young, USDA’s acting chief scientist.

According to a Bloomberg report, U.S. officials currently are involved in a working group that is developing guidelines that are weaker than the WHO recommendations. A draft of the guidelines for farmers and the WHO-related agency Codex Alimentarius allows antibiotics to be used in healthy animals to prevent disease and offers the potential for use to promote animal growth, which currently is illegal under U.S. law, the report added. Codex offers standards for international trade to ensure food safety and quality, which are implemented by specific member nations, rather than more general guidelines released by WHO.

The Bloomberg report said the Trump administration “has made little secret of its disdain for international institutions and regulations,” and “seems to be pursuing its agenda with particular vigor.” Yet the Bloomberg story noted, “the extent that antibiotic use in farm animals affects human health remains open to debate, as does how best to address the problem.”



## **Crecen stocks de carnes como consecuencia de la caída de las exportaciones**

23/07/18 Like Dr Lykes, the Ford family patriarch Kenneth Ford came from humble beginnings and started out by establishing a small sawmill in Roseburg, Oregon back in 1936. Fast forward to now and Ford's descendants own a total of 783,000 acres of forest in Western Oregon and Northern California. These people own most of America's lands

Recession warning signs you need to know

Meat is piling up in U.S. cold-storage warehouses, fueled by a surge in supplies and trade disputes that are eroding demand.

Federal data, coming as early as Monday, are expected to show a record level of beef, pork, poultry and turkey being stockpiled in U.S. facilities, rising above 2.5 billion pounds, agricultural analysts said.

U.S. consumers' appetite for meat is growing, but not fast enough to keep up with record production of hogs and chickens. That leaves the U.S. meat industry increasingly reliant on exports, but Mexico and China—among the largest foreign buyers of U.S. meat—have both set tariffs on U.S. pork products in response to U.S. tariffs on steel, aluminum and other goods. U.S. hams, chops and livers have become sharply more expensive in those markets, which is starting to slow sales, industry officials said.

Get news and analysis on politics, policy, national security and more, delivered right to your inbox

The meat industry's growing production already is filling the specialized warehouses built to store meat and other goods. "We are packed full," said Joe Rumsey, president of Arkansas-based Zero Mountain Inc. The company's five storage facilities serve as way stations for turkeys and chicken strips between processors and retailers, holding around 250 million pounds of products on any given day.

Growing meat stockpiles may bring down prices for meat-hungry U.S. consumers, along with restaurants and retailers. But slowing overseas sales and rising domestic stockpiles threaten profit for meat processors and prices for livestock and poultry producers. Since the end of May, prices of lean hog futures at the Chicago Mercantile Exchange have dropped 14%.

The combination of trade risk and expanding meat supplies could result in "one of the biggest corrections we've seen in the industry in several years," said Christine McCracken, protein analyst at Rabobank, one of the world's largest agricultural lenders.

Some hog farmers and pork processors are beginning to scale back. Maschhoffs LLC, a privately held hog-farming company based in Carlyle, Ill., has put on hold \$30 million in investments planned to expand its breeding operations and upgrade truck washes and other biosecurity measures.

"We've got too much capacity built in this industry if we're not going to be exporting more product," said Ken Maschhoff, the company's chairman. He is instead considering expansion into Eastern Europe or South America—places where the company's hogs perhaps can't be raised as cheaply as in the U.S. but where he said trade policy isn't so "geopolitically charged."

Meanwhile, some analysts said, pork processors recently have reduced some hours at plants, and some plants even have turned away hogs, Ms. McCracken said. Representatives for Smithfield Foods and JBS SA, the two largest U.S. pork processors, had no comment. A spokesman for Tyson Foods Inc. said the company's pork production has matched available pig supplies and that Tyson continues to export pork despite the tariffs.

The meat wave had been building before the trade disputes. A string of bumper harvests in the U.S. and elsewhere slashed the price of grain, the largest cost in raising livestock and poultry.

The strengthening U.S. economy has boosted domestic consumers' appetite for meat, and rising incomes in Asia and Latin America fueled increasing meat demand abroad.

Farmers, ranchers and meatpackers rushed to fill that demand, building new barns for poultry and livestock to supply new chicken and pork plants across the U.S. South and Midwest.

The U.S. Department of Agriculture projects the industry will produce a record 102.7 billion pounds of meat this year.

Cold-storage warehouses are filling up as a result. The USDA in June estimated a total 2.5 billion pounds of red meat and poultry in U.S. cold-storage facilities as of the end of May, running 8% above the prior-year period—and just slightly below the record.

Meat is often kept frozen in cold-storage facilities for months, though if it becomes unprofitable for meat companies to store, products can be sent to rendering plants to produce fats and pet-food ingredients.

Exports, industry officials said, are critical to balancing out the growing supply.

"The more you store, chances are you're going to have to export more of it," said Altin Kalo, a commodity analyst with Steiner Consulting Group. "Even with the tariffs, there's only a certain amount of product you can shift into the domestic channels."

However, pork exports to China, which first implemented a 25% tariff on U.S. pork in April and this month boosted the duty to 62%, declined by 18% over the first five months of the year. Several times in recent weeks, the USDA has reported zero weekly export sales of pork to the country.



Mexico, the top export market for U.S. pork, in June implemented a 10% tariff that climbed to 20% this month. While overall exports to Mexico have been running slightly ahead of last year's total, new weekly export sales reported for the week of July 5 came in at their lowest level this year, the USDA said.

The Trump administration recognizes the financial hardship livestock producers could face as a result of retaliatory tariffs, and farm country will be better off under new trade deals the administration is pursuing, USDA Secretary Sonny Perdue has said.

The USDA has examined drawing upon Depression-era programs that permit borrowing of as much as \$30 billion from the Treasury as a way to compensate farmers for tariff-driven price declines, and Mr. Perdue has said he aims to have a plan ready by this fall.

For cold-storage warehouse operators, the growing meat stockpile creates opportunities. In Sioux City, Iowa, Cloverleaf Cold Storage Co. has been upgrading its technology to help track the location of individual pallets in its 18 warehouses, which co-owner Adam Feiges said has helped the company run its warehouses at 90% capacity, compared with 85% in the past.

Netherlands-based NewCold, which specializes in automating the handling of frozen and refrigerated foods, opened a facility in Tacoma, Wash., this year.

"There is a general lack of cold-storage capacity," said Jonas Swarttouw, NewCold's U.S. manager. The company is building another facility for Idaho and is talking to various meat producers about adding more room.

Zero Mountain Inc.'s Fort Smith, Ark., warehouse is filled to the brink this summer, with pallets of frozen meat rising near the 40-foot-high ceilings on towering metal shelves. It is building a new facility in Waco, Texas, and has raised wages for forklift drivers with a gift for stacking and moving tons of frozen meat.

"This summer's going to be increased volumes, and if we want to capitalize on those, we have to do everything in our power to maximize our cubic footprint," Mr. Rumsey said.

## **AUSTRALIA**

### **MLA organizó su evento anual de promoción de carnes en Bruselas**

19 July 2018 Following the recent official launch of Australia-European Union Free Trade Agreement (A-EU FTA) negotiations, Meat & Livestock Australia (MLA) hosted an Australian backyard barbecue in Brussels to celebrate the long awaited milestone and to continue to promote Australian red meat with EU decision-makers.

Almost 650 Europeans gathered to mark the occasion and enjoy some of Australia's premium quality beef and lamb prepared by MLA corporate chef Sam Burke, who coordinated a team of six chefs cooking across 18 BBQs to serve almost 4,000 mini dishes to the hungry guests.

This year's BBQ menu was influenced by the food of our European ancestors with Mediterranean and Spanish tapas flavours, Brasserie style cooking and the traditional English Sunday roast used for inspiration.

This was MLA Europe's fourth annual BBQ and it has become one of the most popular functions on the Brussels corporate and social calendar.

The BBQ provides a key opportunity to engage with MLAs influential network of policymakers in the European Parliament and emphasise the need for strengthening of our trading relations. The BBQ attracted 12 Members of the European Parliament (MEPs) and their advisors, key trade and agriculture contacts, friends of the Australian embassy, European agricultural industry bodies and EU meat importers.

MLA Europe international business manager Josh Anderson said the BBQ had become an important fixture on the MLA Europe activity calendar especially this year, given the positive momentum around trade talks.

"The BBQ is not only a showcase of our high quality red meat that Australia wants to supply to Europe and a celebration of our farmers who produce it, but an important event promoting the merits of liberalised trade in Europe to a hugely influential crowd," he said.

"MLA has worked hard to build this network of contacts in Europe who are in encouragement of greater trade with Australia. The support shown at our event is a true reflection of our industry and government's ongoing activities in the market," Josh Anderson said.

Deputy Head of Mission to Belgium and Luxembourg and Permanent Mission to the EU and NATO, Helen Stylianou gave a speech in support of MLA's advocacy efforts in Brussels and the Australian red meat industry's pursuit of achieving enhanced trading conditions under a future FTA with the EU.

Ms Stylianou said the FTA signalled a positive step forward for Australia's agriculture industry, not only via the opportunity to help the EU with its imported red meat requirements, but also in securing improved access to the 500+ million strong EU consumer market. The Australian Government estimated at the time of FTA launch that a trade agreement with the EU would open the door to a market of half a billion consumers and a GDP of US\$17.3 trillion - making it one of Australia's biggest trade agreements once concluded.



Two-way trade in goods exceeded \$68 billion in 2017. Yet while a lucrative market, the EU's continued protectionist stance towards agricultural imports has restricted Australia's ability to respond to market demands and these trading conditions have remained unchanged for 40 years.

The EU is Australia's second largest trading partner and third largest export destination and was the country's largest source of foreign investment in 2017.

## **EMPRESARIAS**

### **BRF eligió nuevos miembros en su Consejo de Administración**

Fonte: Reuters.23/07/18 - por Equipe BeefPoint

O conselho de administração da BRF aprovou três novos vice-presidentes, dando continuidade às mudanças no comando da companhia de alimentos que culminou com a escolha de Pedro Parente para a presidência-executiva em junho.

O conselho, também presidido por Parente, escolheu para a vice-presidência de mercado Brasil o executivo Sidney Manzano, que atuou em diversas posições na área comercial da empresa entre 2005 e 2015. Ele assumirá o cargo em 13 de agosto, em substituição a Alexandre Almeida, que deixa a companhia.

Para a vice-presidência de operações, o conselho escolheu Vinícius Guimarães Barbosa, que deixa o vice-presidência industrial e de logística para a América do Norte da Anheuser-Busch Inbev, onde atuou por 25 anos.

O advogado Bruno Ferla, consultor da diretoria jurídica da companhia, foi alçado a vice-presidente institucional, jurídico e de compliance.

Às 11:56, as ações da empresa subiam 1,13 por cento na bolsa paulista, a 23,66 reais.

### **Empresa china Sundiro Holding apunta a comprar más frigoríficos en URUGUAY**

24/07/2018 - Es el primero en vender carne uruguaya en China con trazabilidad garantizada por una empresa local.

Los consumidores chinos “prefieren la carne vacuna uruguaya”, aseguró el gerente general para Sudamérica de Sundiro Holding, Richard Meng. Por eso el grupo que ya cuenta con tres frigoríficos en Uruguay —el 50% de Lorsinal y el 100% de Rondatel S.A. y Lirtix S.A.— piensa “agregar valor comprando más plantas en Uruguay”. Meng, acompañado de otros jefes de la compañía, se reunió con la comisión directiva de la Asociación de Consignatarios de Ganado.

El grupo tiene tres frigoríficos más en Argentina y uno en Australia. En Uruguay, invertirá otros US\$ 6 millones en Rondatel —la explanta de Frigorífico Rosario— y otros US\$ 6 millones en Lirtix, empresa que se dedica al despostado y procesamiento de carne vacuna y la meta es faenar, a partir de 2019, unas 200.000 cabezas por año con los frigoríficos que ya tienen funcionando.

Sundiro Holding cotiza desde hace años en la Bolsa de China y a partir de 2016 comenzó a comprar frigoríficos o empresas industriales que se dedican al procesamiento de carnes. Tiene 16 bases de procesamiento en China y es el principal proveedor de carne de alta calidad en ese país. Su red de ventas está en 400 provincias y 32 ciudades, pero a la vez, mantiene alianzas estratégicas con Alibaba y otros similares.

“Vamos a seguir comprando plantas para crecer en el mercado mundial y en China” afirmó Meng en el encuentro con los consignatarios. A su vez, aclaró que se apunta a frigoríficos de mediano y gran porte. “Sundiro es la primera en exportar carne con trazabilidad certificada —con el apoyo de INAC— por China. Los cortes llevan un código QR y el consumidor puede escanearlo y hacer la trazabilidad desde la carne hasta el animal”, explicó el director para Sudamérica de la corporación.

El grupo, que también tiene capitales venezolanos, apuesta a la carne de alta calidad y no dejó de lado el segmento kosher. “El mes que viene se comenzará a faenar en Rondatel unas 300 cabezas por día (novillos y vacas) y otras 100 cabezas diarias de ganado de menor calidad. Luego de modificada la planta se duplicará el volumen”, afirmó el ejecutivo.

Las obras adaptadas a los nuevos requerimientos para faena kosher impuestos por Israel —se exige el cajón de noqueo rotativo para mejorar el bienestar animal— todavía no terminaron. Más allá de esta faena ritual, Sundiro Holding está abierto a todos los mercados, pero especialmente a los de alto valor, según se aclaró en la reunión.

A su vez, el porcionado que se hace en Lirtix S.A. tiene por destino el mercado chino y también el abasto uruguayo, aclararon los ejecutivos.

“El ganado uruguayo es mejor que el australiano”, afirmó sin reparos Lifeng Liu, gerente de compras de ganado.

“Apostamos al ganado joven del Uruguay, de carne blanca, porque cumple con todas las necesidades del paladar de los consumidores chinos. Los ejecutivos de Sundiro Holding dejaron bien en claro la





importancia del consignatario de ganado, intermediarios entre el productor y la industria que hoy comercializan el 60% del ganado que se faena en Uruguay.

Es importante remarcar que en los planes de Sundiro Holding también está incursionar en China con cortes de ganado de corral, como se hace para la cuota cárnica de alta calidad con la Unión Europea (Cuota 481). “La carne de feed lot producida en China tiene US\$ 1.400 de diferencia por encima de la carne producida a pasto”, explicó el gerente general para Sudamérica.

### **Minerva: el mayor desafío de Brasil es conquistar los mercados asiáticos de carnes**

25/07/18 - por Equipe BeefPoint O CEO da Minerva Foods, Fernando Galletti de Queiroz, disse nesta terça-feira, 24, que o maior desafio do setor brasileiro de proteína animal é a conquista de mercados asiáticos. Durante discurso no segundo e último dia do Global Agribusiness Forum (GAF 2018), o executivo destacou que, dentre os países daquele continente, a China está se tornando o principal mercado. “Japão, Indonésia, Tailândia e Coreia do Sul são grandes oportunidades”, citou.

Na ponta da oferta, a ampla disponibilidade de água e terra favorece as criações no Brasil, assim como a adoção dos sistemas de confinamento. No entanto, “com o aumento de preços dos grãos, a diferença de custos de produção entre a pecuária do Hemisfério Norte e do Hemisfério Sul fica maior”, comentou Galletti. Essa diferença de despesas eleva a competitividade do sistema produtivo norte-americano em relação ao brasileiro, por exemplo, já que os confinamentos se abastecem de grãos como o milho e o farelo de soja.

Além disso, especificamente para a carne bovina do Brasil, o executivo ressaltou que falta acesso a 50% dos maiores mercado compradores do mundo. No topo da lista de importadores que o País precisa avançar estão os Estados Unidos.

### **Prevén buenos resultados para Marfrig y Minerva**

Julio 26, 2018 Por Blasina y Asociados, especial para El Observador

El mercado espera que los resultados del segundo trimestre sean positivos para los grupos frigoríficos brasileños Marfrig y Minerva. Un informe del banco BTG Pactual de la semana pasada incluyó la recomendación de compra de acciones de Marfrig y Minerva con una posición neutra respecto a JBS y BRF debido a los buenos márgenes.

Los dos grupos divulgarán los resultados del segundo trimestre a comienzos de agosto. Para los analistas de BTG Pactual estimaron un crecimiento de 40% en los ingresos trimestrales de Marfrig por la expansión en la capacidad de faena mientras la ganancia antes de pago de intereses, impuestos y amortizaciones cerrará estable respecto al primer trimestre.

Para Minerva el equipo del banco de inversión apuntó a un ambiente positivo con la recuperación de los precios de la carne en el mercado doméstico y valores de exportaciones que llevarán a márgenes positivos. En el caso de JBS se estima que el fuerte desempeño de las operaciones en EEUU compensará números no tan atractivos en Brasil. En tanto, BRF sentirá el impacto en el embargo de la Unión Europea para las compras de carne de ave de la compañía y la aplicación de aranceles antidumping por parte de China.

Un artículo de Valor Económico destacó el efecto positivo del avance del dólar en Brasil y el efecto del paro de camioneros durante mayo. La paralización pegó negativamente sobre los precios del ganado y alcista en los valores de la carne en el mercado minorista.

La consultora MB Agro estimó que el indicador de margen bruto –por la diferencia entre el precio del ganado y los valores de venta de la carne en el mercado mayorista- llegó en junio a su mayor nivel en un año. En ese mes el diferencial fue de 1,03% cuando la media histórica de la serie comenzada en 2010 es de 0,96%. En junio el precio de exportación y el precio del ganado fue de 4% con un 24% en mayo.